

# ESPORTES

correiobraziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: [esportes.df@dabr.com.br](mailto:esportes.df@dabr.com.br) Telefone: (61) 3214-1176

## Neymar entra em nova polêmica

Perto de completar um ano preso sob acusação de estuprar uma mulher de 23 anos, Daniel Alves pediu ajuda financeira e jurídica a Neymar e família. Segundo o portal UOL, o pai do craque da Seleção, Neymar da Silva Santos, transferiu, em 9 de agosto, 150 mil euros (aproximadamente R\$ 800 mil) para o lateral, que direcionou a quantia para tentar reduzir a pena, caso seja condenado. O atleta afirma que a relação foi consensual e alega inocência. O valor pago por Daniel Alves à Justiça é referente a uma multa chamada de "atenuante de reparação de dano causado".

**SELEÇÃO BRASILEIRA** Após trabalhos frustrados com interinos, time tupiniquim inicia, hoje, a era Dorival Júnior de olho na Copa de 2026. Com novo recomeço, equipe repete feito dos anos 1980 de conviver com terceira filosofia de trabalho em um ano

# Fim do revezamento

Rafael Ribeiro/CBF



Gilvan de Souza/Flamengo



Vitor Silva/CBF



Time tupiniquim começou o ano, em março, com Ramon Menezes. Depois, passou o bastão para Fernando Diniz. A dupla tinha status de interino. Agora, Dorival Júnior assume definitivamente para recolocar time nos eixos

DANILO QUEIROZ

Desde o fracasso na Copa do Mundo de 2022 e a saída do técnico Tite — confirmada previamente desde fevereiro do mesmo ano —, a Seleção Brasileira se vê diante do desafio de se reinventar para buscar o sonhado hexacampeonato em 2026. No entanto, apesar da missão urgente de reconstrução, o primeiro ano do processo se transformou em um desnecessário e prejudicial revezamento de profissionais na função de treinador, com dois nomes alternando interinamente: Ramon Menezes e Fernando Diniz. Depois das frustrações esportivas e administrativas, a era dos tapa-buracos acaba hoje. Terceiro comandante do ciclo, Dorival Júnior será, enfim, o nome efetivado no cargo.

O lapso temporal da desordem da equipe tupiniquim responde, basicamente, a um

período de 10 meses. Em março de 2023, Ramon Menezes, então técnico da Seleção Sub-20, assumiu o Brasil a toque de caixa para segurar as pontas diante da proximidade do amistoso contra Marrocos, no qual o time perdeu. O período de testes se estendeu até julho e abrangeu uma vitória contra Guiné e outra derrota para Senegal. Já sob a ilusão verde e amarela de um acerto com Carlo Ancelotti, Fernando Diniz ficou à frente do grupo principal de julho até janeiro — a previsão inicial era até julho, quando passaria o bastão para o sucesso —, com o retrospecto de dois triunfos, três tropeços e um empate. O segundo interino naufragou com o sonho de ter o italiano no comando.

Com previsão de ser oficializado hoje na sede da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), no Rio de Janeiro, Dorival Júnior será o terceiro nome responsável pela Seleção Brasileira no

curtíssimo período. O primeiro com status de definitivo escolhido pelo presidente Ednaldo Rodrigues. Resolver a situação, inclusive, virou prioridade após o dirigente retomar o cargo por decisão do Superior Tribunal Federal (STF). Antes disso, a entidade ficou um mês à deriva sob o comando de um interventor. Após flertar com a possibilidade de ter um estrangeiro consagrado no comando e deixar a equipe com interinos para concretizar o desejo, a decisão foi recorrer a uma solução caseira. A expectativa, agora, é de algo definitivo.

Na história recente da Seleção Brasileira, inclusive, um revezamento tão intenso de treinadores não é algo inédito. Nos 365 dias entre os meses de junho de 1984 e 1985, o time tupiniquim também vivenciou o fenômeno de trabalhar sob a batuta de três filosofias diferentes em curtos períodos. Tal qual Ramon Menezes, Eduardo Coimbra

dirigiu a equipe em três jogos, mas em 11 dias. Evaristo de Macedo teve tempo igual no cargo e, coincidentemente, participou do mesmo número de compromissos de Fernando Diniz: seis. Na sequência, Telê Santana reassumiu a equipe, teve a "paz" de ficar pouco mais de um ano na função, mas saiu após a eliminação nas quartas de final da Copa diante da França.

Dorival Júnior chega com promessa de ter bastante tempo para trabalhar. O contrato com a CBF é para dirigir a Seleção Brasileira no restante do ciclo para a Copa do Mundo de 2026, realizada na sede tripla de Estados Unidos, México e Canadá. Os primeiros desafios, no entanto, terão status de teste de fogo para o comandante. Na data Fifa de março, o Brasil tem amistosos de alto nível marcados contra Espanha e Inglaterra. Será, inclusive, a volta dos jogos contra equipes europeias em preparações para a

Copa do Mundo após cinco anos — o último foi em 2019, com Tite, na vitória por 3 x 1 diante da República Tcheca. Em junho, os brasileiros terão outro compromisso, dessa vez contra os mexicanos. No mesmo mês, ainda há janela para mais uma partida, com rival a ser definido.

Além de organizarem a casa depois de um ano tenebroso em termos de resultados, os amistosos serão preparatórios para o principal desafio do ano e a primeira grande competição marcada para a era Dorival Júnior: a Copa América de 2024. Acostumado a trabalhar com clubes, nos quais o contato com os comandados é diário, o treinador terá, durante o torneio continental, o maior período reunido com os jogadores convocados: cerca de um mês entre a estreia e a data marcada para a decisão — caso o Brasil chegue até lá —, fora o período de treinamentos focados na competição. Janela

primordial para o comandante enraizar os princípios do mais novo trabalho iniciado na Seleção Brasileira, dessa vez, com jeito de definitivo até 2026.

"É a realização de um sonho pessoal, que só foi possível porque tive o reconhecimento do trabalho desenvolvido no São Paulo. Por isso, tenho de agradecer por ter feito parte desse importante período de reconstrução, liderado com competência pela presidência e pela diretoria. Agradeço, também, à torcida por todo o carinho e apoio", destacou Dorival, na despedida do ex-club e de um dos trabalhos responsáveis por alçá-lo à Seleção. Escolhido com o termo para enfatizar a passagem pelo tricolor, reconstruir também será a meta no time tupiniquim. E o primeiro passo foi o rompimento definitivo com um revezamento frenético de profissionais no cargo mais importante do sonho de título na próxima Copa do Mundo.

## Ednaldo tenta selar paz com clubes

Desde o retorno da oficialização do retorno ao comando da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), na última quinta-feira, o presidente Ednaldo Rodrigues trabalha nos bastidores para recuperar o poder de governabilidade. Após dialogar com as federações estaduais e receber um sinal de "normalidade restaurada" por parte da Fifa e da Conmebol no início da semana, o mandatário teve, ontem, outro importante encontro na agenda política. Desta vez, o debate foi com clubes das Séries A e do Campeonato Brasileiro. São Paulo, Criciúma e Paysandu foram as ausências.

Na conversa, Ednaldo abordou próximos desafios do futebol brasileiro e costurou apoio das equipes para seguir o mandato na entidade, marcado para acabar até março de 2026, meses antes da disputa da Copa do Mundo. Em as contra-

partidas, o presidente garantiu manter o apoio a uma promessa antiga: a de não impor barreiras para a criação de uma liga para assumir a gestão da principal competição do futebol nacional, mesmo com a dificuldade de entendimento entre os dois blocos de clubes interessados em liderar o processo: a Libra e a Forte Futebol. Ao fim do encontro, 14 dirigentes, entre eles Augusto Melo, do Corinthians, e Mário Bittencourt, do Fluminense, declararam apoio público ao presidente no site da CBF.

No encontro, mandatário da entidade máxima do esporte no país demonstrou abertura para entender as demandas propostas pelos clubes. No entanto, apesar das sugestões e das críticas, pouco foi definido em relação aos temas colocados na mesa de debate. Presidente do Flamengo, Rodolfo Landim, por exemplo, cobrou ajustes mais

específicos para flexibilizar o calendário do futebol brasileiro. Ednaldo disse ter ouvido os representantes das equipes "de forma independente" e prometeu levar as ideias aos Conselhos Técnicos de cada competição para acatá-las "dentro de uma realidade possível, desde que amparada pelas leis".

"Uma reunião altamente positiva, com participação maciça dos clubes das Séries A e B. A nossa pretensão é construir um futebol brasileiro cada vez mais forte e com a participação direta dos clubes. Aproveito para agradecer a solidariedade de todos os clubes, que já apoiavam nosso trabalho, pois foram eles que nos elegeram, construindo a pavimentação para um futebol mais amplo, um futebol pelo qual todos possamos agir de forma livre e independente", ressaltou o presidente, ao fim do encontro.

Leandro Lopes/CBF



No encontro com os times das Séries A e B, Ednaldo buscou apagar arestas do período de afastamento